



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS III  
CENTRO DE HUMANIDADES  
CURSO DE LETRAS INGLÊS**

**AÉCIO DE OLIVEIRA SOUSA**

**O APRENDIZADO DA LÍNGUA MATERNA: UM OLHAR SOBRE O FILME  
*MY FAIR LADY***

**GUARABIRA  
2017**

**AÉCIO DE OLIVEIRA SOUSA**

**O APRENDIZADO DA LÍNGUA MATERNA: UM OLHAR SOBRE O FILME  
*MY FAIR LADY***

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação apresentado ao Departamento de Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduado em Letras.

Área de concentração: Língua Inglesa.

Orientador: Profa. Dra. Marta Furtado da Costa.

**GUARABIRA  
2017**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do Trabalho de Conclusão de Curso.

S725a Sousa, Aécio de Oliveira.  
O aprendizado da língua materna [manuscrito] : um olhar sobre o filme "My fair Lady" / Aécio de Oliveira Sousa. - 2017  
26 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2017.

"Orientação : Profa. Dra. Marta Furtado Costa, Departamento de Letras - CH."

1. Aprendizado. 2. Variação Linguística. 3. Língua Materna.

21. ed. CDD 410

AÉCIO DE OLIVEIRA SOUSA


O APRENDIZADO DA LÍNGUA MATERNA: UM OLHAR SOBRE O FILME  
*MY FAIR LADY*

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação  
apresentado ao Departamento de Letras da  
Universidade Estadual da Paraíba, como  
requisito parcial à obtenção do título de  
graduado em Letras.

Área de concentração: Língua Inglesa.

Aprovada em: 04/12/2017.

BANCA EXAMINADORA

  
Prof. Dra. Marta Furtado da Costa (Orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
Prof. Me. Auricélio Soares Fernandes  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
Prof. Me. Rafael Francisco Braz  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico esse trabalho ao meu pai e à minha mãe, pelo exemplo de coragem e simplicidade, pela maneira singela que me ensinou a trilhar o caminho da justiça que me incentivaram a chegar até aqui.

## AGRADECIMENTOS

A DEUS, que foi meu porto seguro, e que nos momentos de dificuldades foi a minha força para continuar.

À professora Dra. Marta Furtado da Costa, pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação, pela dedicação e atenção necessária, por ter sido paciente e presente durante todo o processo dessa pesquisa.

Ao meu pai José Ribeiro de Sousa, minha mãe Maria das Neves Soares de Oliveira Sousa, as minhas irmãs Eliane de Oliveira Sousa, Elisangela de Oliveira Sousa e Ângela Luzia da Silva, por entender a minha ausência em momentos importantes da família.

Aos meus colegas de trabalho, pela compreensão em momentos que estive ausente do meu setor e das atividades profissionais, e pela força a mim concedida para a conclusão dessa etapa importante de minha vida, em especial a professora Josélia Trajano da Fonseca, pelo auxílio que me deu durante essa pesquisa.

Aos meus professores da UEPB, em especial, Auricélio Soares Fernandes e Benigna Andrade Diniz e Eveline Alvarez dos Santos, que contribuíram ao longo dessa graduação, por meio das disciplinas e experiências repassadas, que me fizeram um cidadão maduro e preparado para enfrentar os grandes desafios nessa nova etapa de minha vida.

Aos funcionários da coordenação da UEPB, pela presteza e atendimento quando me foi necessário.

Aos colegas de classe pelos momentos de amizade e apoio, em especial ao colega Antônio Fernandes Dias Junior, pelo companheirismo vivido durante toda a graduação, pela parceria e troca de experiências.

“A linguagem origina-se em primeiro lugar como o meio de comunicação entre a criança e as pessoas que a rodeiam”.

VIGOTSKII, 2006, pag.114

## SUMÁRIO

1	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>07</b>
2	<b>DESENVOLVIMENTO.....</b>	<b>08</b>
2.1	<b>Desenvolvimento da aprendizagem .....</b>	<b>08</b>
2.2	<b>Variações Linguísticas .....</b>	<b>11</b>
2.3	<b>Análise do Filme My Fair Lady .....</b>	<b>13</b>
3	<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>24</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>25</b>



## O APRENDIZADO DA LÍNGUA MATERNA: UM OLHAR SOBRE O FILME

### *MY FAIR LADY*

Aécio Oliveira Sousa\*

#### **RESUMO**

O presente trabalho tem o objetivo de analisar quais são os fatores que influenciam o aprendizado da língua materna. Para tanto, iremos considerar o filme *My Fair Lady* (1964), do diretor americano George Cukor. O referido filme foi inspirado na peça *Pygmalion* (1912), do escritor irlandês George Bernard Shaw. A pesquisa está ancorada nos aportes teóricos de Vygotsky (1984, 1987, 2001), Vygotsky, Leontiev & Luria (1988, 2010), Duarte (2001), Mollica (2012) e Bortoni-Ricardo (2004).

Durante todo o filme são expostos comentários sobre os falantes da língua inglesa, os mesmo feitos pelo professor de fonética, o personagem Henry Higgins, que durante a obra tem o árduo desafio de transformar a personagem Eliza, que é uma simples vendedora de flores em uma dama, isso não apenas no seu modo de vestir-se ou porta-se perante a sociedade, mas através do seu modo de falar.

**Palavras-Chave:** Variação linguística. Aprendizado. Língua materna.

#### **1 INTRODUÇÃO**

O prefácio da peça *Pygmalion* (1912), obra dramaturgica que inspirou *My Fair Lady*, apresenta uma forte crítica de George Bernard Shaw quanto a forma como os ingleses falam e ensinam a língua inglesa aos seus filhos. Para ele, os ingleses não têm respeito pela própria língua, uma vez que a pronunciam de forma tão abominável que seria impossível um inglês despreza-lo.

Tais afirmações surgem da percepção de que nem todos os ingleses falam a língua inglesa da mesma forma, conforme os mesmos parâmetros entoacionais e prosódicos. Como entusiasta da fonética, George Bernard Shaw criou o herói de uma peça popular, cuja missão é salvar a língua inglesa daqueles que, insistem em pronunciá-la de forma errada.

O presente trabalho tem o objetivo de analisar quais são os fatores que influenciam o aprendizado da língua materna. Para tanto, iremos considerar o filme *My Fair Lady* (1964), do

---

\* Aluno de Graduação em Letras Inglês na Universidade Estadual da Paraíba – Campus III.  
E-mail: aecio.aerio@gmail.com

diretor americano George Cukor. O referido filme foi inspirado na peça *Pygmalion* (1912), do escritor irlandês George Bernard Shaw.

A pesquisa está ancorada nos aportes teóricos de Vygotsky (1984, 1987, 2001), Vygotsky, Leontiev & Luria (1988, 2010), Duarte (2001), Mollica (2012) e Bortoni-Ricardo (2004).

## **2 DESENVOLVIMENTO**

A seguir, discutiremos as propostas de teóricas de Vygotsky (1984, 1987, 2001), Vygotsky, Leontiev & Luria (1988, 2010), Duarte (2001) no que diz respeito ao desenvolvimento da aprendizagem.

### **2.1 Desenvolvimento da aprendizagem**

Quando analisamos as questões da linguagem do ser humano, é necessário considerar todo o processo que cada indivíduo passa durante toda sua vida. Começando este estudo pela infância, sabemos que a criança convive socialmente desde seu primeiro dia de vida, ouvindo no cotidiano aqueles que a rodeiam. Assim, ela começa a assimilar particularidades da fala dos seus genitores e daqueles que estão a sua volta. Cada indivíduo já tem sua capacidade natural da fala desde criança.

O meio, e as pessoas com quem o indivíduo convive são muito importantes para todas as influências absorvida pelo mesmo. E não são apenas os adultos os responsáveis, mas também as outras crianças, como por exemplo os colegas do ambiente escolar, contribuem para esse processo. Todas as particularidades do ser humano são construídas desde a infância, inclusive a fala, pois a criança, obtém uma carga de informações oriundas de outros semelhantes, que estão sempre com um contato mais próximo a eles (crianças), e esses vão a partir daí acompanhando, cada gesto, cada expressão, ouvindo cada palavra, cada frase, e diariamente observando aqueles que estão em sua volta, e tendo como um dos alvos as questões da língua, eles passam a absorver a pronúncia das palavras, a expressão de frases, a entonação de cada sílaba, e a maneira como falarão começa a ser moldada nessa idade.

Quando a criança em seus primeiros anos de vida é inserida em uma creche por exemplo, ela começa a ter uma experiência diferente da que tem com seus parentes; a mesma traz para aquele novo ambiente uma carga de informações do ambiente em que mora, e o

contato com cada pessoa ali presente em seu novo ambiente começa a influenciar o seu desenvolvimento linguístico e suas referências não serão mais apenas os membros da sua família, novos personagens passam a integrar o ciclo de vida de cada uma, os professores (as), outras crianças da mesma idade, pessoas com culturas diferenciadas, todos passam a fazer parte do ciclo de vida dessa criança, e a partir dali, vai se abrindo um leque de novas informações para o cérebro da mesma.

Durante esse período da vida de uma criança, o mundo a seu redor se decompõe como se fosse em dois grupos. Um grupo consiste em pessoas inteiramente relacionadas com ela, sendo que as relações com elas determinam suas relações com todo o resto do mundo. Essas pessoas são sua mãe, seu pai, ou aquelas que ocupam lugares junto à criança. Um segundo círculo, mais amplo, é formado por todas as demais pessoas, sendo que as relações com essas são mediadas pelas relações que ela estabeleceu no primeiro círculo, mais estreito. E isto não é tão simples quando uma criança em idade pré-escolar, criada em uma família, é posta em um jardim de infância. (LEONTIEV, 2006, p. 60)

E esse pensamento reforça que, nos tornamos cada vez mais fruto do meio em que convivemos, e quando estamos no desenvolvimento da nossa mentalidade, ainda quando criança somos incluídos em diferentes meios sociais, inclusive daquele que nascemos. E esse pensamento pode ser ainda mais reforçado, quando passamos a analisar as próprias questões de nossa língua mãe, que sofre as influências no contexto cultural de cada país, toda a sua história, desde a sua independência, até os dias atuais. Muitos casos iguais em alguns casos, mas que se afunilam em relação a sua língua materna, que todos tem a sua língua mãe influenciada, por todo um contexto histórico, social e cultural que rodeiam determinado país.

O comportamento linguístico da criança pode ser influenciado de forma positiva como de forma negativa, dependendo do ambiente em que ela conviverá dali por diante, podendo ou não perder suas características iniciais. Como estamos falando do ambiente escolar, o professor (a) nessa fase ainda, como mediador, passa a ter papel fundamental nessa influência, pois deve ser considerado todos os valores daquela criança, o cultural e isso envolverá sua etnia, sua religião, etc. a localidade em que ela reside, e todo o seu contexto familiar. O desenvolvimento cognitivo do aluno se dá por meio da interação social, ou seja, de sua interação com outros indivíduos e com o meio em que eles convivem, pois não consegue viver isoladamente, é um ser sociável.

O ser humano não é capaz de construir sua língua sozinho. Um dos estudos que reforça essa afirmação é do professor João Irineu de França Neto, focando o que defendia Myers, que em um dos seus escritos expõe que, “No período de 12 meses de idade, os

bebês começam a usar sons para comunicar significados” (MYERS. Op. Cit., p. 294), ainda segundo ele, caracterizando o estágio de uma palavra isolada. “Com o passar do tempo a linguagem do bebê tende a tornasse cada vez mais semelhante à sua família”. (MYERS apud IRINEU, 2016, p. 130).

Existe a necessidade de o sujeito interagir com o seu semelhante, para que o mesmo consiga desenvolver a habilidade daquilo que deseja. Vygotsky defende a ideia que de forma isolada, ninguém poderia ser um ser completo, cada vez mais reforçando, que é necessário a interação com outros seres da mesma espécie para haver uma forma de comunicação.

É essencial a mediação de uma segunda pessoa para que o indivíduo consiga colocar em prática o objeto de estudo, a língua. O acesso direto a essa construção depende de uma segunda pessoa, e não estamos colocando o meio social em que se convive, mas, estamos falando de um mediador, em nosso estudo estamos falando da figura do professor. É bem verdade que o mundo em que se convive, conforme já foi explicitado no presente trabalho, é fator importante para o desenvolvimento da fala do ser humano, mas vamos observar a partir de agora o papel importante de um personagem em questão, o Professor na condição de mediador como mostra Vygotsky.

O professor tem o papel explícito de interferir no processo, diferentemente de situações informais nas quais a criança aprende por imersão em um ambiente cultural. Portanto, é papel do docente provocar avanços nos alunos e isso se torna possível com sua interferência na zona proximal. (VIGOTSKY *et al*, 1998, p. 03).

Em nosso cotidiano, o professor é um dos responsáveis pelo desenvolvimento da linguagem dos seus semelhantes, pois quando o sujeito passa a frequentar o ambiente escolar o contato com os demais fará com que sua língua receba outras influências. O professor precisa ter o conhecimento e domínio da língua para que o aluno possa avançar cotidianamente sem maiores dificuldades.

Vygotsky nos apresenta a ideia que, ao observar a zona proximal, o educador pode orientar o aprendizado no sentido de promover o desenvolvimento potencial de uma criança, tornando real.

Para Vygotsky (1982), “o sujeito é ativo, ele age sobre o meio. Para ele, não há a “natureza humana”, a “essência humana”. Somos primeiro sociais e depois nos individualizamos”. (NEVES, e DAMIANI, 2006, Unirevista – vol.1, nº 2.)

É preciso que o ser humano interaja com a sociedade em geral, para poder adquirir as suas formas particulares, para que seja formada a sua personalidade.

## 2.2 Variações linguísticas

Uma das grandes discussões sobre os estudos da língua, são as variações linguísticas, pois cada país tem a sua. Observando as questões culturais que rodeiam cada povo, são constantes as buscas dos pesquisadores sobre esse objeto de estudo. Entramos então, nas questões discutidas sobre a norma culta e a conhecida popular. As discussões nessa área abrangem as questões socioculturais, se passarmos a observar a fala como objeto de estudo em pauta, das classes sociais, as ditas classes menos favorecidas que residem em vilarejos, em comunidades rurais, distante da realidade da classe tida como privilegiada, entendemos por onde podemos entender que, o ser humano tem sua linguagem influenciada, devido a esses meios que os mesmos convivem. De acordo com Bortoni:

É preciso observarmos, a esta altura, que os falantes que se posicionam no contínuo rural-urbano próximo ao polo rural não dispõem de recursos comunicativos usados na viabilização de estilos monitorados na variedade urbana letrada. No entanto, também variam seus estilos. Quando a situação requer, usam estilos monitorados. Observe que os estilos monitorados de falantes de antecedentes urbanos. A questão dos recursos comunicativos que viabilizam a mudança de estilo é muito importante, principalmente para nós educadores. (BORTONI – RICARDO, 2013, p. 67).

Não é difícil ter tal conclusão em um exemplo tão lucido como este, e isso não é apenas algo cultural e social do Brasil. Todos os países tem em suas extensões e divisões territoriais, pessoas de alto nível sociocultural e econômico e que pode ter a maneira de falar reconhecida, devido ao seu ambiente, nesse mesmo contexto encontramos nesses mesmos países as áreas rurais, tribos, aldeias e comunidades, com padrões considerados baixos, no sentido mais amplo da palavra, que também carrega consigo, seu modo de falar, com suas características linguísticas.

Não tem como termos uma língua homogênea no sentido mais concreto da palavra. O Brasil é um grande exemplo de tal afirmação, pois mesmo antes da colonização de seu território, nosso país já sofria as influências na língua. Os índios já obtinham em seu vocabulário centenas de dialetos falados pelos mesmos, e os colonizadores portugueses, foram trazendo a língua portuguesa junto com sua bagagem, e o seu idioma foi se misturando com todos os dialetos que já existiam, e isso foi ajudando com que a língua dos indígenas aos

poucos fossem desaparecendo, a partir de todo esse processo, temos este resultado, o idioma que falamos hoje. O Tupi-Guarani ainda é tida como a língua que mais influenciou na língua que falamos hoje em dia aqui em nosso país, pois tem dentro de toda a história de nossa colonização, onde os padres jesuítas teriam vindo catequizar os índios, e foi a referida língua que para manter uma comunicação com os indígenas, eles tiveram que estudar, e acabaram difundido esse idioma. Não podemos esquecer nenhuma das influências que teve a nossa língua, seja dos índios, ou seja de cada povo que passou por nossas terras. Os escravos trazidos da África pelos portugueses, é um outro exemplo disso, pois, além das influências em seus dialetos, ajudou e contribuiu para a construção do que hoje é a nossa língua oficial.

Destaca-se, não só o molde que sofreu a nossa língua, em relação ao que era falado anteriormente pelos índios, mas, o próprio português, trazido pelos colonizadores, passava naquele período sofrer essas influências, acima citada dos indígenas e dos negros africanos, e também mais adiante já implantada como língua oficial de nosso país, o português sofreu as influências dos holandeses e dos espanhóis que invadiram o Brasil após a sua independência, e isso ainda ajuda agente entender, o porquê da diferença de vocabulário ou de sotaques de cada região.

Cada comunidade de fala possui um perfil variacionista particular, mas, através da comparação dos estudos feitos, em uma comunidade com os de outras comunidades podemos ter uma ideia dos universais da variação, ou seja, o (s) elemento (s) ou fator (es) que rege (m) determinado fenômeno variacionista. (DA HORA, 2017, p. 106).

É importante focar também que dentro de um mesmo território, sendo ou não nas grandes cidades, existe a questão da regionalização, ou seja, cada região tem a sua particularidade em sua fala, reconhecida pelo falante daquela língua dentro daquele país. Nosso vasto território, pode ser mais uma vez citado como exemplo disso, ou seja, a grande maioria dos brasileiros conheceria um falante do Rio Grande do Sul, ou da Bahia por exemplo, provavelmente de Minas Gerais etc. tendo em vista também que, dentro desses mesmos estados citados, podem ser variadas as maneiras por exemplo, de puxar um “R”, ou uma gíria dita de forma constante por eles; porém é correto afirmar que, mesmo com a diferenciação no som, ou até mesmo na escrita de cada palavra, a língua que está sendo falada, é sim a língua portuguesa, a língua oficial de nosso país.

Embora a escola esteja incumbida de ensinar aos falantes de determinada língua a sua norma culta, não podemos afirmar que a mesma é a forma correta e as demais maneiras de se

falar seja tida como a forma errada. Não se pode excluir em hipótese alguma os valores culturais de nenhuma país ou região.

Entre todos os fatores já apresentados dentro do presente trabalho, sobre as influências da língua, e também as variações que cada uma tem, não se pode deixar de fora as questões de gêneros. Em qualquer lugar que formos analisar esse fator, podemos perceber que as mulheres terão suas particularidades na fala que os homens não terão, e vice e versa.

As diferenças mais evidentes entre a fala dos homens e mulheres se situam no plano lexical. Parece natural admitir que determinadas palavras se situam melhor na boca de um homem do que na boca de uma mulher. Nas sociedades ocidentais, a existência de um vocabulário feminino e de um vocabulário masculino parece menos acentuada e tende, progressivamente, ao desaparecimento. O que não impede, entretanto, que ainda possamos ouvir e utilizar expressões como “não fica bem para uma garota dessa forma”. (PAIVA, 2012, p. 33).

Embora já citado aqui, podemos afirmar que não só o fator socioeconômico ou o grau de escolarização vai diferenciar tal característica da fala dos diferentes gêneros. Stella Bortoni, afirma na obra educação em língua materna (2004, P.47) que, as mulheres costumam usar mais diminutivos, e que a linguagem do homem, por outro lado é mais marcada pelos chamados palavrões e gírias mais chulas. Importante reforçar que nesse mesmo capítulo, ele deixa bem claro que essas variações entre o feminino e o masculino são relacionadas aos papéis sociais que são culturalmente condicionados.

### **2.3 Análise do filme *My Fair Lady***

Usaremos a partir deste ponto, como o objeto de estudo para o nosso trabalho, a obra “*My Fair Lady*”, traduzida para o português, *Minha Bela Dama*, filme americano de George Cukor (1964), uma comédia musical, que fora baseado na peça teatral, *Pigmaleão* de George Bernard Shaw (1892). Nela são feitos comentários sobre as questões da língua, no caso a língua inglesa; O personagem Henry Higgins, que na obra é um professor e estudioso de fonética, e conforme exposto na obra, o mesmo é capaz de saber qual o país de origem de cada pessoa, a partir de sua fala, recebe um grande desafio, transformar a personagem Eliza, uma simples vendedora de flores em uma dama, e isso não apenas pelo modo dela vestir-se ou portar-se, mas, através do seu modo de falar.



Eliza é nascida no Bairro de Lisson Grove, na Inglaterra, um bairro localizado no Oeste de Londres, que por muitos anos teve uma característica muito forte, a pobreza, que era ao extremo, e durante muito tempo foi considerado como uma das piores favelas da capital, e como nativa daquele país, Eliza tem como língua materna o inglês.

Desde a primeira cena da obra, começamos a relacionar nosso tema com a discussão exposta. A mesma começa quando, entre torrentes de chuvas que caem, pessoas apavoradas procuram abrigos para se esquivarem da água que caem naquele lugar, e uma senhora muito bem vestida e refinada, expressa sua fala de forma elegante e sofisticada, pedindo para que o seu filho chame um taxi, e na sequencia da cena, aparece Eliza, que expressa o seu inglês considerado um inglês corriqueiro. Compreendemos ai que, as duas personagens se distingue, não apenas pelo meio social em que convivem, mas pela maneira que cada uma pronuncia cada palavra. A fala exposta pela senhora que pede o taxi, é uma língua que compreende-se para a época, um inglês elegante e sofisticado, enquanto o inglês pronunciado por Eliza, que ao invês de pronunciar flor, entoa um som estranho, pronunciando “frô”, quando tentar vender a mesma para aquela madame, é considerado um inglês “vulgar”, falado apenas pelas pessoas das classes menos favorecidas e dos bairros pobres daquele país.

Figura 1 – Diálogo inicial



Fonte: Printscreen do Filme *My Fair Lady* (Cukor, 1964)

A cena exposta acima traz reflexões sobre o “mundo” em que cada ser está debruçado, e para compreendemos o que de fato o ambiente, tenha influências sobre língua materna, é necessário analisarmos os personagens e seu diálogo. O professor expõe que Eliza não tem um inglês adequado, e naquele exposto, o inglês digno, seria um inglês pronunciado tal qual os nobres falavam, o autor usa essa cena para enfatizar que a pobre moça estava naquela



situação, nas ruas, por não pronunciar corretamente a sua língua materna: “Você vê essa criatura com seu inglês de rua que a manterá na sarjeta até o fim de seus dias?” (Mrs. Higgins, *My Fair Lady*, 1964).

O mesmo enfatiza em um dos seus diálogos ainda na cena acima, que o inglês é uma língua que representa a nobreza. “lembre-se que a sua língua mãe é a de Shakespeare e a da Bíblia de Milton” (Mrs. Higgins, *My Fair Lady*, 1964). Fazendo menção a dois grandes exemplos daquela língua, Shakespeare que fora considerado o maior escritor da língua inglesa e Jhon Milton, que serviu na Inglaterra como ministro das línguas estrangeiras. É nessa hora que o professor faz uma dura crítica a educação britânica, pois para ele, os sons emitidos por Eliza, são inaceitáveis para a referência da nobreza representada pela língua inglesa. O autor usa inclusive, esse momento para fazer uma crítica para a educação naquele país. Em um das falas nessa dita cena, o professor diz: “Isto é o que a população britânica chama de educação básica” (Mrs. Higgins, com Eliza, *My Fair Lady*, 1994). Para o professor Higgins, aquilo era detestável, a língua para ele estava perdendo o seu brilho original, os “berros e uivos” expressos pela florista irritava a todos, pois a moça estava em um ambiente público, e que aqueles sons mal pronunciados incomodavam a todos que ali passavam. O lugar era passagem de pessoas com alto poder aquisitivo, e todos que por ali circulavam, passariam a ignorar aquela pobre moça devido ao seu modo errôneo de pronunciar cada palavra. Higgins em suas questões sociais e linguísticas, como um bom observador e estudioso da fonética, observou a moça fazendo relações em sua maneira de falar, e o ambiente que a mesma estava debruçada, devido a emissão de cada palavra daquela pobre vendedora de flores, despertando o interesse da mesma em poder aprender pronunciar de forma correta cada palavra de sua língua materna.

Figura 2 – Eliza procura o professor Higgins



Fonte: Printscreen do Filme *My Fair Lady* (Cukor, 1964)

Na figura 2 (dois), é destacado o momento em que Eliza se dispõe a procurar o professor, para que ele pudesse ajudá-la nessa nova meta, pois foi através do diálogo com o estudioso em fonética, que a florista compreendeu que sozinha, ou até mesmo o ambiente das ruas onde ela estava frequentemente, não seria capaz de ensinar de forma eficaz a língua considerada como padrão para que ela pudesse mudar de vida.

O diálogo entre os estudiosos, faz Eliza refletir sobre a sua situação na sociedade. A mesma passa a entender que não tem uma boa posição social devido o modo que ela fala. Eliza Doolittle chega a exprimir em sua fala com o Mrs. Higgins que, não queria mais ser apenas uma vendedora de rua, mas que para que ela conseguisse um bom trabalho, teria que falar de uma maneira mais “fina”: “Eu quero ser uma dama na casa de flores, ao invés de vender na esquina da rua. Mas eles não me dão trabalho se eu não falar mais fino” (Eliza, *My Fair Lady*, 1964). O Professor Higgins ao aceitar o desafio de transformar a florista em uma Lady, começando pelo seu modo de falar, nos traz um pensamento, que alguns fatores devem ser analisados na formação intelectual do ser humano. Podemos observar o seguinte, uma criança que é criada em um ambiente onde não existe nenhum subsídio educativo e que não frequenta rotineiramente o ambiente escolar, que convive em um meio desestruturado (no caso de Eliza), sua linguagem é sim diferenciada de uma criança que rotineiramente frequenta a escola, e que tem uma base familiar aguçada.

O professor Higgins aceita o desafio de transformar Eliza em uma dama, e como referência para tal fato, seria levar ela em um baile no palácio em Windsor. É uma missão complexa, pois a vendedora de flores trazia consigo uma linguagem considerada pela alta sociedade daquele país uma língua “vulgar” e “chula”, falado apenas pelas classes sociais mais baixa, como por exemplo as pessoas do bairro que ela mesmo morava.

O professor nessa hora se destaca pelo conhecimento que tem sobre a língua, e a maneira padrão com que os falantes teriam ao utilizar mesma. Levando em consideração os contextos sociais diferentes do professor e da vendedora de flores, e reforçando o pensamento em que ambos claramente têm, o ambiente em que os dois conviveram são os maiores responsáveis por cada sílaba e cada palavra pronunciadas por eles.

O ambiente cotidiano da florista eram as ruas, onde o seu contato maior seriam pessoas do seu nível, desde o local onde colhia, produzia e até onde ia vender suas flores. Já o professor dedicou sua vida a estudar o campo da fonética e vem de uma posição social nobre, podemos ver isso quando sua mãe aparece em cena, então percebemos que ele nasceu em um

ambiente refinado. As realidades são distintas, a começar pelas classes sociais, que é um dos grandes responsáveis pela nossa maneira de falar.

Figura 3 – O banho de Eliza



Fonte: Printscreen do Filme *My Fair Lady* (Cukor, 1964)

A cena em destaque na figura 3 (três), é uma das mais metafóricas que podemos ver dentro da obra *My Fair Lady*, pois quando a florista se dispõe a procurar o professor para aprender falar corretamente, ele pede para que sua governanta acomode-a em um quarto, e que deem um banho, que a limpe daquela sujeira, supostamente imaginamos que a sujeira que tenham que limpar daquela moça fosse aquela poeira, quem sabe trazida nas suas roupas ou no seu corpo mesmo, adquirida nas ruas onde a mesma convivia, mas não é apenas isso que observarmos durante a cena, aquele banho tem uma metáfora, e a explicação é definido como, uma representação de uma limpeza geral no sentido mais amplo da palavra, a limpeza não só das sujeiras físicas, a representação desse banho é para que a jovem Eliza se desfaça de tudo que lhe prende ao seu passado. Eliza vinha de um contexto sociocultural muito pobre, seu pai vivia bêbado nas ruas e bares da cidade, a menina não tinha uma boa referência do mesmo, tinha muita vergonha e desgostos por não ter uma boa referência educativa do mesmo, o bairro já citado durante este trabalho que, era dominado pela marginalidade e pela pobreza extrema, ou seja, esse banho tinha essa finalidade, que Eliza pudesse se desprender de todo o passado que lhe perturbava, mas mesmo assim a moça resistia ao banho, pois não foi com essa finalidade que ela teria ido procurar o professor, ela queria apenas aprender a falar bem. É um banho muito perturbado, pois a pobre moça começa a dar gritos terríveis, como se aquele banho fosse lhe fazer algo de mal, atordoando toda a casa, e é uma cena inesquecível



que traz uma explicação, para aprendermos algo novo, é necessário deixarmos para trás muitas coisas, costumes, ideias etc.

Figura 4 - As técnicas para o aprendizado



Fonte: Printscreen do Filme *My Fair Lady* (Cukor, 1964)

A figura número 4 (quatro) mostra todo o processo que Eliza teve que enfrentar para aprender corretamente a sua língua mãe. A imagem feita em quatro recortes, mostram os métodos utilizados pelo professor com jovem, em momentos distintos onde foi necessário força de vontade por parte da florista para que a mesma alcançasse seu objetivo. Para se aprender algo é preciso entusiasmo. O falante precisa estar motivado de alguma forma a aprender a expressar corretamente os sons da língua que está sendo estudada. Não diferente, quem ensina, também precisa estar motivado em auxiliar o aprendiz a expressar de forma correta a sua língua materna ou uma segunda língua. Não podemos esquecer que tudo isso, não é um processo forçado, pois aprender é um processo democrático. “Todos nós, temos ou não, o direito de aprender falar corretamente”. Essa ideia é defendida no livro “Vygotsky e o “aprender a aprender” de Newton Duarte (p.52).

Eliza, em primeira instancia se sente motivada a aprender falar corretamente para unicamente mudar de vida. Sair das ruas, da vida sofrida que enfrentou até ali, era o maior motivo para a moça procurar o professor Higgins, para que o mesmo pudesse auxiliara ela falar corretamente. A moça em momento algum pensou em torna-se uma lady, como os estudiosos pensaram em transformar a mesma. Ela queria simplesmente deixar de ser uma vendedora de flores e se transformar em uma dona da casa de flores, como dito nos diálogos

dentro da obra. A motivação de Eliza, é um espelho para a sociedade em que estamos inseridos atualmente, somos refrencias para tais fatos, pois nós quanto falantes de nossa língua materna, que não a conhecemos a na grande maioria por completa, somos muitas vezes desmotivados a estudar a fundo a nossa própria língua devido as dificuldades gramaticais que encontramos na mesma. A motivação, só aparece em cada um, quando existe uma necessidade em nos expressarmos em determinadas situações, que necessário é, o uso da língua padrão, e só assim, procuramos a estudar a nossa própria língua, e os exemplos disso são quando, precisamos passar em uma entrevista para um emprego, nos direcionar a pessoas de classes sociais mais elevadas do que a nossa, apresentar seminários em universidades etc.

Podemos citar dois momentos de reflexão que ajuda a jovem Eliza sentir-se estimulada a aprender a falar corretamente o seu idioma. O primeiro, é quando a mesma já cansada de sofrer nas ruas, é despertada pela frase do professor, que se ela falasse bem o inglês, não seria mais uma vendedora de flores e passaria ser a dona da casa de flores, e o segundo momento é quando, após toda a jornada de estudos, onde o professor, usou de todas as técnicas para que ela aprendesse a pronunciar perfeitamente cada sílaba das palavras, e os mesmos adentraram madrugada a dentro, e a moça não conseguia atingir o seu objetivo, que era pronunciar as frases determinadas por Higgins, a mesma sempre repetindo de forma errônea e já quase desistindo, o professor que também estava exausto, não mais tratou Eliza de forma grosseria como durante todo o processo tinha feito. Ele desta vez, olhou seriamente para a moça e questionou-a com perguntas que fizeram ele ainda mais refletir, se teria sido para aprender que ela o havia procurado? Que se ela estava realmente determinada a aprender para mudar de vida, ela ia conseguir. Desde que chegou a casa do professor, a moça não havia ainda escutado dele uma palavra gentil, ou até mesmo um ato de credibilidade por parte dele, e foi nesse momento que a moça viu na figura do professor a certeza de que ela precisava de entusiasmo, pois mesmo cansado, ele demonstrou acreditar que ela pudesse conseguir. A moça imediatamente começou a pronunciar as palavras de forma correta, em um misto de alegria e surpresa ambos comemoraram tal feito.

Essa passagem, reforça que é de suma importância que o aluno esteja de fato cheio de entusiasmo para aprender, a falta de entusiasmo ou de credito, prejudica o processo de aprendizagem, o professor também é responsável nesse momento. Não tem como um aluno aprender, mesmo estando entusiasmado, se o receptor, representado aqui, na figura do professor, não esteja também, primeiro com entusiasmo, segundo, que o mesmo desacredite que o aprendiz, possa desenvolver bem aquilo que está lhe sendo ensinado. O mediador, precisa estar preparado para repassar o conhecimento para o seu aluno.

Eliza tem como língua materna o inglês, embora tenha essa referência, as dificuldades enfrentadas pela moça, se assemelha com a que os adultos enfrentam para aprender uma segunda língua. Com todas as informações que absorvemos de nossa língua, o que pode deixar mais difícil assimilar as regras sejam gramáticas, seja foneticamente falando de uma outra língua. A criança tem facilidade em aprender uma língua, seja ela a sua língua de origem, ou seja, uma segunda língua, devido as informações que são assimiladas no processo de formação do indivíduo. O adulto, tem tendências lógicas em ter dificuldades em aprender um idioma, pois compreende-se que ele já tem em sua formação linguística formada.

Para Vygotsky (1982), “o sujeito é ativo, ele age sobre o meio. Para ele, não há “natureza humana”, a “essência humana”, somos primeiro sociais e depois nos individualizamos”. (NEVES, Rita de Araújo e DAMIANI, Magda Floriana, Vygotsky e as teorias da aprendizagem, Unirevista – vol. 1, nº2: (abril 2006).

A jovem Eliza, passa a encontrar dificuldades que todos encontram ao aprender uma outra língua, pois a moça já traz em sua formação linguística um vocabulário próprio do seu bairro, do seu contexto social, podendo esse detalhe, ser um dos obstáculos a ser vencido para um aprendiz de uma outra língua. Cada ser humano tem características específicas no seu modo de falar, devido ao ambiente social em que o mesmo convive, a região e as influências linguísticas que ele sofre no seu meio. O acúmulo de influências passadas pelo indivíduo no processo de aprendizagem da língua, é fator importante a ser visto na aquisição de uma outra língua, o novo vocabulário tende a ter características de sua língua materna.

Para ter facilidade em aprender uma outra língua, é necessário ter a sensibilidade no ouvir as palavras faladas pelo falante da língua que está sendo estudada.

Nas cenas acima, o professor formula frases para que a jovem possa pronunciar corretamente e usar elas no baile. São frases simples, mesmo assim, ela encontra muita dificuldade em pronunciar cada uma delas. Mas depois de muito o professor insistir, consegue a meta. Isso é semelhante, ao que vemos com os aprendizes de uma segunda língua. Inicialmente aprende-se frases simples, que levarão para o resto de suas vidas, por se tratar de frases mais fáceis de se aprender. Quando estamos no processo de aprendizagem de uma outra língua, é comum existir aquelas frases iniciais, ou palavras simples do cotidiano, que parece ser difícil de serem assimiladas, mas que no futuro, não sairão mais de nossa mente.

Figura 5 - Corrida de cavalos de Ascot



Fonte: Printscreen do Filme *My Fair Lady* (Cukor, 1964)

Uma referência que se tem da língua inglesa, são os bailes realizados no castelo de Windsor em Berkshire, o maior e mais antigo castelo habitado do mundo, que é uma das residências oficiais da monarquia. Dentre os bailes realizados no referido castelo, durante cinco dias do mês de junho, a cerca de trezentos anos, também acontece a corrida de cavalos de Acost em Berkshire, que reúne os melhores cavalos do mundo, e também se destaca pela frequência da alta sociedade inglesa; Um marco nesse evento é que a corrida é aberta todos os dias pela rainha, ou seja, o ambiente é considerado um local de pessoas da mais alta sociedade inglesa, com um inglês falado por eles, considerado padrão para sociedade britânica. E é na figura 5 (cinco) que a moça, após cansativos dias e noites aprendendo a falar frases de forma correta, foi junto com o professor para uma dessas famosas corridas, onde teve a sua primeira experiência com sua nova maneira de falar com a alta sociedade daquele país. Eliza aprendeu as frases de efeitos apenas para tratar de determinadas situações, para ser conversado na famosa corrida, mas ela aprendeu apenas o básico para determinadas situações.

A princípio, como combinou o professor com algumas pessoas daquele ambiente, a moça se deu muito bem, com seu pequeno vocabulário e frases decoradas, falando algo sobre as chuvas que caíam nas planícies, sobre saúde etc., mas em seguida, quando são feitos comentários e perguntas sobre outros assuntos que a moça não teria domínio, ela não pode esconder as suas origens, e começou a expor em sua fala, aquele idioma falado por ela, quando estava nas ruas, colocou pra fora o seu inglês falado desde a sua infância causando espanto e inclusive desmaios no meio daquelas mulheres da sociedade que estavam ali presentes.



Eliza não estava totalmente pronta, pois ninguém muda do dia para a noite sua maneira de falar, a moça havia tido o seu primeiro contato com a alta sociedade em relação a sua língua, aquele tempo não era o suficiente para que a mesma acostumassem a falar igual a eles, os novos ambientes que a moça passaria a frequentar começaria a influenciar sua maneira de falar a partir de agora. Seria um novo processador para a sua mente. Ainda estavam enraizados no seu ser, sua história, sua cultura tudo que fez a sua personalidade, e a partir dali agora seria uma nova história.

A cena seguinte, destacada na figura 6 (seis) quando Eliza começa a gritar incentivando o cavalo Dover a chegar em primeiro lugar na disputa, dá um contraste a cena, pois durante esse evento, a mulher tem seus costumes, dentre eles o silêncio enquanto acontece a corrida, apenas observam os cavalos passarem no ambiente em que estão correndo, e a moça não age de igual forma, inclusive pronunciando palavras do tipo, “mexa esse maldito traseiro”, causando um alvoroço e rebuliço entre as pessoas que estavam ali. A ideia inicial do professor Higgins levar a moça a lugares frequentados pela alta sociedade, não teria dado certo.

Figura 6 – Corrida de cavalos Acost



Fonte: Printscreen do Filme *My Fair Lady* (Cukor, 1964)

Existe uma necessidade do ser humano em destacar-se na sociedade de alguma forma, seja apenas para o seu bem-estar, ou até mesmo para demonstrar superioridade aos demais. A classe social se distingue por vários fatores, e dentre eles o nosso objeto de estudo, a maneira de falar é um dos mais fortes. É importante afirmar que a nossa maneira de expressar as palavras, é muito analisada, o mercado de trabalho por exemplo, cobra muito esse fator. No percurso da obra, o professor fala pra Eliza em uma cena que, ela precisa adequar sua fala, para que a mesma possa ter uma vida diferente, a começar pela sua profissão.



[...]o método de falar inglês o classifica totalmente[...] se o senhor falasse como ela não estaria vendendo flores[...] se falasse o inglês como ele deve ser falado, talvez deixasse de ser vendedora de flores e passaria a ser uma dona da casa de flores[...] (Fala do personagem Mrs. Higgins, *My Fair Lady*, 1994).

Essa foi uma conversa do professor com o seu amigo estudioso de dialetos indianos, sobre os estudos linguísticos, reforçando a tese que a moça precisaria adequar sua fala para que ela possa ter uma vida diferente, a começar por sua profissão. E isso dá um impacto na cabeça da pobre moça. Eliza não queria ter sua fala mudada apenas para se destacar com a alta sociedade, ela quer ter uma vida menos dependente.

A partir do momento em que encontramos o caminho certo de emitir corretamente os sons de cada palavra pronunciada, abre-se um leque de oportunidades para o indivíduo. Não necessariamente tendo mudado de classe social, o ser humano que pronuncia com maestria cada frase ou palavra, tem uma nova visão de mundo, e isso não restringe apenas uma mudança de trabalhos, como é enfatizado em algumas cenas da obra em questão quando citado que ela procurar a perfeição da fala de sua língua materna pra deixar de ser apenas uma vendedora de flores nas ruas, mas essa evolução da fala correta de uma determinada língua, faz o ser humano ser bem aceito em todos os meios sociais. Eliza por exemplo, após todo o tempo de aprendizado com o professor, retorna ao seu ambiente natural, não foi reconhecida pelos seus colegas vendedores de flores. Ao reencontrar o seu pai, o mesmo reconhece que a moça não é mais aquela garota de rua, que emitia os sons estranhos em sua fala esdruxula, que sua fala mais parecia gritos sem nexos. Para o seu pai, a garota não era mais a simples e pobre Eliza, e sim a partir dali ela passava a ser a Srt<sup>a</sup> Doolittle, como já era chamada pelos nobres da realeza.

Eliza passa a frequentar ambientes sofisticados, onde a sua língua materna era falada por todos com maestria. O ambiente que a moça passava a frequentar começava a transformar aquela maneira que a mesma tinha de falar. Uma observação sobre o ambiente, são as próprias serviçais da casa do professor Higgins, todas falam de forma elegante, mesmo não sendo da classe social do seu patrão, mas convivem com os nobres, e o ambiente que as mesmas estão inseridas são responsáveis por essa realidade. No início da obra, a governanta do professor Higgins, comenta que Eliza, tem um sotaque interessante, ironizando a fala da florista. Socialmente falando, pode se considerar que estavam no mesmo patamar social, uma não passava de uma serviçal que prestava serviços para o professor e a outra uma florista, o que

diferenciava ambas, apenas o ambiente em que convivam. Com toda a forma exigente que é descrito o personagem do professor, até mesmo por ser sua área de estudos, os seus funcionários certamente teriam que dominar a língua perfeitamente, o que era diferente com os vendedores de flores das ruas, eles não dominavam perfeitamente os sons de cada palavra que falavam, eis o motivo das influências principais de Eliza.

### **3 CONCLUSÃO**

O percurso do presente estudo possibilitou uma análise sobre os fatores que influenciam o processo de aprendizagem da língua materna, desde quando a criança tem o seu primeiro contato com o idioma até a fase adulta, tendo sido utilizado como inspiração para tal o filme *My Fair Lady* (1964) de George Cukor, e o auxílio para dissertar sobre o mesmo foram os conceitos apresentados por Vigotsky (1984,1987, 2001), Vygotsky, Leontiev & Luria (1988, 2010), Duarte (2001), Mollica (2012) e Bortoni – Ricardo (2004).

Durante a análise do filme, as falas da Personagem Eliza, e do professor Higgins, foi o que fomentou essa pesquisa. Usando a figura de uma jovem florista que não domina a maneira de falar sua própria língua perfeitamente, é feita uma crítica direta a maneira considerada errônea de se ensinar a língua inglesa, essa crítica feita por outro personagem importante no filme, que tem papel fundamental no processo de mudança linguística da moça, o professor, que nos deu a ideia discutida no presente trabalho sobre a importância da figura do docente em todo o processo de aprendizagem da língua do ser humano. Ficou claro que, a maneira de falar de cada cidadão, o identifica em todos os aspectos.

Ao termino deste trabalho pode se constatar que, todo o processo vivido pelo sujeito, durante o percurso de sua vivência, são fatores relevantes para que ele tenha sua maneira de proferir a sua fala moldada. Ambientes significativos como, o meio familiar, escolar, com os amigos etc., estão inteiramente ligados a todo esse processo de aprendizagem da fala. O meio social é fator decisivo para as adequações da maneira de alguém falar, e pessoas como os pais, familiares, colegas de escolas e o professor são elementos relevantes para essa concepção.

O estudo sociolinguístico se aprofunda devido, devido as constantes mudanças, e o uso da mesma é um objeto de estudo anelado, pois como expresso neste estudo, foi visto a relação da mesma com a sociedade em geral, a maneira como cada povo, cada comunidade usa, onde, como e por quê a usam.

Cada pensamento elucidado pelos autores das obras utilizadas para corroborar com o presente trabalho, reforçaram esse estudo, para que pudéssemos chegar a conclusões sobre

todas as influências passadas pela vida de um indivíduo, a partir de sua infância, onde foi necessário estudar como se dá o processo de aprendizagem na língua materna no seu ambiente natural de vivência, inclusive na sala de aula, passando por outras fases, como no decorrer de sua vida, de que forma se dá o processo de formação da mente humana e considerando as variações linguísticas presente em cada nação.

## **LANGUAGE LEARNING: A LOOK AT THE MOVIE MY FAIR LADY**

### **ABSTRACT**

The present work has the objective of analyzing what are the factors that influence the learning of the mother tongue. For that, we will consider the film *My Fair Lady* (1964), by American director George Cukor. The film was inspired by *Pygmalion* (1912) by Irish writer George Bernard Shaw. The research is anchored in the theoretical contributions of Vygotsky (1984, 1987, 2001), Vygotsky, Leontiev & Luria (1988, 2010), Duarte (2001), Mollica (2012) and Bortoni-Ricardo (2004).

Throughout the film are exposed comments about English speakers, the same made by the professor of phonetics, the character Henry Higgins, who during the work has the arduous challenge of transforming the character Eliza, who is a simple flower seller in a lady, not only in her way of dressing or in front of society, but through her way of speaking.

**Keywords: Linguistic variation. Learning. Mother tongue.**

### **REFERÊNCIAS**

BORTONI – RICARDO, S. M. Educação em língua materna, a sociolinguística na sala de aula. 2004.

CUKOR, G. *My fair lady*. USA: Warner Bros, 1964.

DA HORA, Dermeval. Sociolinguística. Disponível em <[http://www.cchla.ufpb.br/clv/images/docs/modulos/p8/p8\\_2.pdf](http://www.cchla.ufpb.br/clv/images/docs/modulos/p8/p8_2.pdf)> Acessado em 20 NOV 2017.

DUARTE, N. Vygotsky e o “Aprender a Aprender” Crítica às Apropriações Neoliberais e Pós-Modernas da Teoria Vigotskiana. 2001.

FONTES, M. A formação social da mente. 2010.

LINS, J.N. Estudos na área de linguagem: Ensino, Pesquisa e Formação docente. 2016.

MOLLICA, M.C., BRAGA, M. L. Introdução à Sociolinguística, o tratamento da variação 2012.

NEVES, e DAMIANI, Vygotsky e as teorias da aprendizagem, Unirevista – vol. 1, nº2: (abril 2006).

SHAW, George Bernard. Pygmalion. Pennsylvania: The Pennsylvania State University, 2004 [1912].

VYGOTSKY, L. S. A construção do pensamento e da linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

\_\_\_\_\_. Pensamento e linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

\_\_\_\_\_. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

VYGOTSKY, L. S., LEONTIEV, A. N., LURIA, A. R. [et al] Psicologia e Pedagogia. São Paulo: Centauro, 2010.

VYGOTSKY, L. S., LEONTIEV, A. N., LURIA, A. R. Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. São Paulo: Icone, 1988.